

Da Mística à Ecologia: uma análise sobre a vida de São Francisco de Assis em uma perspectiva ecológica

From Mystic to Ecology: an analysis of the life of Saint Francis of Assisi in an ecological perspective

*Ronaldo Emiliano de Miranda*¹

Resumo

O presente artigo propõe estudar, investigar e analisar a vida de São Francisco de Assis no período medieval central, entre os anos de 1181 a 1226, com ênfase na sua conversão, mostrando o seu louvor a Deus pela harmonia e equilíbrio que existe no Universo e sua sensibilidade pela natureza, abraçando todos os seres, vivos ou não, como irmãos e irmãs. Sua vida contemplativa, meditativa, em oração e sua mística singular que legitimam o objetivo deste texto descritivo de confirmar, o título de “Místico da Ecologia”. Este artigo foi elaborado a partir das argumentações construídas com base na pesquisa bibliográfica existente de autores renomados sobre o tema.

Palavras-chaves: mistério; frades; regra; pobreza; natureza; criaturas.

Abstract

This article proposes to study, investigate and analyze the life of Saint Francis of Assis in the central medieval period, between the years 1181 to 1226, with an emphasis on his conversion his conversion, showing his praise to God for the harmony and balance that exists in the Universe and his sensitivity to nature, embracing all beings, alive or not, as brothers and sisters. His contemplative, meditative, prayerful life and his unique mystique that legitimize the purpose of this descriptive text to confirm, the title "Mystic of Ecology". This article was elaborated from the arguments constructed based on the existing bibliographic research from renowned authors on the subject.

Keywords: mystery; friars; rule; poverty; nature; creatures.

¹ Mestrado em andamento em Ciências da Religião, Pontifícia Universidade Católica Minas Gerais (PUC Minas). E-mail: ronaldoemiranda@gmail.com

Introdução

O presente artigo tem por objetivo estudar, investigar e analisar a vida de São Francisco de Assis no período medieval central² entre os anos de 1181 a 1226, priorizando sua conversão, com a finalidade de compreender a sua vida meditativa, contemplativa e de oração, bem como a sua preocupação com os animais, os seres humanos e com o universo, no seu tempo. Serão abordados os conceitos de mística e ecologia, a mística de Francisco, as suas atitudes ecológicas antecipadas, que podem ser relidas como fontes iluminadoras para superarmos os problemas ecológicos nos dias de hoje. Além disso, serão elencadas as argumentações e parâmetros que serão adotados para melhor compreender o *Poverello [pobrezinho]* como um místico da ecologia e conceder-lhe o título proposto. Então, ao concluir o trabalho, levando-se em conta as ideias apresentadas, será possível responder à pergunta principal do artigo: *Pode-se atribuir a São Francisco de Assis o título de Místico da Ecologia?* A proposta desse artigo é confirmar a hipótese de que São Francisco de Assis é um místico com atitudes antecipadas de uma ecologia integral. Para tal fim, a metodologia empregada para a construção deste artigo partiu de pesquisas, em fontes bibliográficas. Levou-se em conta, como fonte primária, as narrativas dos principais biógrafos sobre a vida do santo, os conceitos de mística e ecologia. Acrescenta-se, a isso, os livros de autores conceituados, bem como, artigos e sites disponíveis sobre a vida e a mística de São Francisco de Assis.

1. O que se entende por mística?

A palavra *mística* é polissêmica e ambígua, de origem grega, do adjetivo *mystikòs*, derivada da raiz indo europeia *my*, presente em *myein*: que significa fechar os olhos e a boca. Do termo grego *myein*, procedem às palavras: *míope*,

² Idade Média Central: período que vai do século XI ao XIII. (FRANCO JÚNIOR, H., 1988, p. 11-15 *apud* AMIM, 2017, p. 119).

mudo e mistério que nos remete a algo oculto, não visível, do que não se pode falar. A palavra *mystikòs*, nos remonta às religiões místicas gregas, *ta mystikà*: as cerimônias, nas quais o *mystes*, o fiel, é iniciado (*myeisthiai*) nos grandes mistérios. (VELASCO, 2013, p. 19).

É importante destacar que, a palavra *mística* não é utilizada na *Bíblia*. No caso do cristianismo, ela aparece séculos mais tarde sob a influência do Pseudo Dionísio (Século V e VI), considerado um dos pais da mística cristã. Segundo Velasco, desde o século XVII, a palavra *mística* começa a ser empregada como adjetivo substantivado para referir-se às pessoas que vivem a experiência mística, *os místicos* (VELASCO, 2013, p. 20)

Segundo Santo Agostinho (354-430), em sua obra *Confesiones*, afirma a *mística* como sendo uma experiência sublime e interior: “[...] Porque você [Deus] estava dentro de mim, mais interior do que o meu mais íntimo, e mais elevado do que o meu mais alto grau³.” (AGOSTINHO, 370-373, Lv. III, cap. VI, 11, tradução nossa).

Acerca da visão agostiniana de *mística*, Luigi Borrielo *et al* (2003), no Dicionário de Mística, afirma:

Os místicos são os que atestam que Deus é visível já agora pela fé ou em visão. Ver a Deus é dar-se conta de que ele existe e de que como no caso de Agostinho, é inútil procurá-lo fora de si, porque ele está no íntimo do homem mais do que o próprio homem. Por isso, a história da mística, isto é, daquela experiência que se faz no plano sobrenatural e nas profundezas misteriosas do encontro homem-Deus, só pode ser a tentativa de apreender a experiência que, ao longo dos séculos, o homem fez dessa presença misteriosa e, no entanto, clara, secreta, mas também luminosa. Em particular significa anotar como os místicos, em sua abertura ao divino, tiveram a capacidade gratuita, mas ardente e nostalgicamente esperada, de viver e narrar aquelas maravilhas de Deus das quais os filhos dele podem gozar porque ontologicamente abertos ao divino e, se quiserem, capazes de abrir-se *geneticamente* (C. Tresmontant) à intimidade mais profunda com o Deus que os criou e que “quer ter sua

³ “[...] porque tú estabas dentro de mí, más interior que lo más íntimo mío y más elevado que lo más sumo mío”. (AGOSTINHO, 370-373, Lv. III, cap. VI, 11).

alegria em contemplar-se neles” (Isabel da Trindade). (BORRIELO *et al*, 2003, p. 706).

Na perspectiva de Boff (2008), usa-se a palavra *mistério* (do grego *mystikòs*), em uma linguagem corriqueira, para sintetizar uma reflexão que extrapolou as capacidades de compreensão por meio da razão. Ou, também, para indicar intenções ou realidades ocultas do cotidiano. Ela pode expressar algo imaterial de interesse, curiosidade ou o encantamento que uma pessoa transmite. Ele afirma que o *mistério* não possui um conteúdo teórico, mas está ligado à experiência religiosa, nos ritos de iniciação. Nela a pessoa é levada a experimentar, por meio de “*celebrações, cânticos, danças, dramatizações e realização de gestos rituais, uma revelação*” ou ainda uma iluminação salvaguardada por um determinado grupo de adeptos. (BOFF, 2008, p. 190).

Boff (2008) pontua, ainda, quanto ao *mistério*, que, não se trata de ouvir um ensinamento sobre uma determinada doutrina inacessível, nem de receber lições sobre certa visão secreta das coisas. Mas, trata-se de fazer uma experiência religiosa (individual ou) coletiva. Então, é por meio da *experiência mística* que se alcança o *mistério*, que é algo da Realidade Última, do Absoluto ou de Deus. Dessa maneira, que é transmitida individualmente ou coletivamente aos que se dispõem a isso, e não simplesmente a qualquer telespectador curioso. Esclarece ainda que “os que experimentam o mistério são os místicos”. Além disso, “a experiência do mistério não se dá apenas no êxtase, mas cotidianamente, na experiência de respeito diante do sagrado da realidade e da vida” (BOFF, 2008, p. 190-195).

O autor destaca que:

A mística não é, pois, privilégio de alguns bem-aventurados, mas é uma dimensão da vida humana, à qual todos têm acesso quando descem a um nível mais profundo de si mesmos, quando captam o outro lado da coisa e quando se sensibilizam diante da riqueza do outro e da grandiosidade, complexidade e harmonia do universo. Todos, pois, somos, num certo nível, místicos. (BOFF, 2008, p. 195).

Resumindo, Boff (2008), pontua que a *mística* sempre nos leva a transcender todos os limites, a descortinar o outro lado das coisas e a imaginar que por detrás das estruturas do Real não há o irracional e o precipício que nos amedrontam. No entanto, florescem “a ternura, a acolhida, o mistério amoroso que transmite a alegria de viver, o sentido de trabalhar e o sonho benfazejo de um universo de coisas e pessoas” que são irmanadas entre si e ancoradas fortemente na essência divina, no Criador, que é “Pai e Mãe de infinita bondade” e *misericórdia*. (BOFF, 2008, p. 209).

2. O que se entende por ecologia?

Segundo Núñez (2016, p. 33), a palavra *ecologia*, foi difundida desde 1866, por Ernst Haeckel, darwinista alemão, constituída a partir de dois vocábulos gregos: *oikos*, *eco*, que significa casa, família e *logos* que quer dizer discurso, saber ou estudo. Trata-se, portanto, de uma ciência que estuda o modo como todos os seres se habitam, no meio em que vivem, e como se relacionam na casa comum [planeta Terra].

Sendo assim, por *ecologia*, pelo que foi exposto, pode-se concebê-la como o *corpo de conhecimentos sobre a economia da natureza, da investigação das relações totais dos animais com o ambiente orgânico e inorgânico*. Inclui também, as relações amigáveis e hostis, entre os animais e plantas que convivem diretamente ou indiretamente pela aproximação. A ecologia preocupa-se, de maneira integral, com todos os fatores que afetam um determinado organismo, sejam eles químicos, físicos ou biológicos. (NÚÑEZ, 2016, p. 33-34),

Além do mais, diz ele, é costume estabelecer uma distinção entre *ecologia natural* e *ecologia humana*. Isso é para evidenciar que o ser humano, pela sua inteligência, supera todos os outros seres por ter a capacidade de modificar o ecossistema, com os recursos culturais e técnicos de que dispõe. E de acordo com a *Laudato Si* (LS 137), a expressão *ecologia integral* empregada pelo Papa Francisco procura combinar *as dimensões humanas e sociais*. (NÚÑEZ, 2016, p. 34-35).

Segundo Boff (2008, p. 21), a “ecologia é antes de tudo relação, interação e diálogo com todas as coisas existentes (seres vivos ou não) entre si e com tudo que existe, real ou em potencial”. A ecologia não abrange somente a natureza (*ecologia natural*), mas, também, a sociedade e a cultura (*ecologia humana, social etc.*), tornando-se dessa maneira, uma visão ecológica integral, abrangendo tudo o que existe e coexiste. Portanto, “tudo se relaciona com tudo em todos os pontos”.

A relação de interdependência entre todos os seres animados ou não, nos remete à visão budista, Boff (2008, p. 21-22) enfatiza, que nela se nega o *direito* do mais forte. Salienta que “todos os seres possuem sua relativa autonomia por mais microscópico ou invisível que seja, e não há nada supérfluo”. Além disso, sobrevive o ser “que possui a maior capacidade de relacionar-se e de adaptabilidade”. Numa visão criacionista, de fé e crença, pontua que “todas as coisas já existiam antes da grande explosão”, teoria do *Big Bang* de George Gamow e Georges Lemaître (1948). Acredita-se que a grande explosão tenha ocorrido cerca de 13,7 bilhões de anos atrás e “lá estávamos e para lá voltaremos”.

Boff (2008, p. 22) ainda ressalta que a ecologia é uma preocupação de todos, os *seres humanos dotados de inteligência criados imagem e semelhança do Criador*. Afirma que a questão ecológica requer um novo paradigma de consciência mundial: importância com a casa comum, planeta Terra, [*nossa espaçonave – Terra*], casa na qual vivem todos os seres animados ou inanimados que correm risco apocalíptico que pesa sobre toda criação. E destaca que se quisermos sobreviver deveremos repensar o reequilíbrio universal e uma nova perspectiva da ordem ecológica mundial. Enfatiza que, por natureza, entende-se o conjunto de todos os seres [animados ou inanimados], das formas mais elementares até as formas mais complexas de vida, que de maneira dinâmica, vão constituindo um *tecido entrelaçado com conexões por todos os lados*, formando uma totalidade ecológica, ou seja, a *ecologia integral*. (BOFF, 2008, p. 25).

Inclusive, Boff (2008) nos alerta, a nível humano, que a ecologia exige uma visão de *totalidade*, não como soma das partes, mas como consciência da interdependência orgânica na qual tudo “constitui um elo da comunidade cósmica”. Essa é uma visão ecológica holística. Holismo [do grego *holos*, significando totalidade], termo propagado, a partir de 1926, século XX, pelo filósofo Jan Smuts (1870-1950). Dentro dessa perspectiva cada ser compõe um elo da imensa corrente cósmica, na concepção da fé, na qual tudo tem sua origem em Deus e a Ele retorna. Enfim, ignorar a ecologia, segundo o autor, *pode nos conduzir à vida ou à morte da humanidade e de todo o sistema planetário*. (BOFF, 2008, p. 25-28).

3. A conversão de Francisco de Assis: concretizada na regra não bulada

Segundo Le Goff, (2001) quando Giovanni Bernardone nasceu, em 1181 ou 1182, em Assis, no vale do Espoleto, hoje território da Itália, sua mãe (*Pica*), batizou-o com o nome de João Batista, na ausência do pai *Pietro Bernardone*, um comerciante de tecidos que viajava a negócios pela França. Vale esclarecer que o prenome Francisco, *singular e inusitado*, substituiu o de João. Durante a sua juventude, o autor salienta que o biógrafo Celano (1Cel 1) acusou os pais de Francisco Bernardone de terem contribuído para a adolescência depravada do filho, por educá-lo de maneira demasiadamente relaxada e dissoluta. Assim sendo, Francisco tornou-se adulto, exercendo o ofício do pai, conforme consta na *Legenda dos Três Companheiros (LTC 2)*, e procurava levar “um ritmo de vida cavalheiresco, imitando o comportamento dos nobres”, mas não praticando as virtudes e os defeitos da burguesia comercial. Portanto, segundo Nigg (1975), até o ano de 1207, com vinte e cinco anos viveu entregue à pompa e à vaidade exagerada (NIGG, 1975, p. 9). Se ele foi *hábil nos negócios*? Não se sabe, mas era um *conceituado gastador*, e esse foi o motivo pelo qual se aproximou dos nobres de Assis. (LE GOFF, 2001, p. 58-59).

O autor afirma que Celano (1Cel 2-3) o tratava de *muito rico, graças ao pai*, porém, a sua fortuna era inferior à da maior parte dos nobres, sendo assim, “mais pobre em bens, e mais generoso em prodigalidade”. O francês era a língua de Francisco, por excelência da poesia e dos sentimentos cavalheirosos, bem como de suas efusões íntimas. Por fim, no gênero de vida, o que o atraía, nessa época, era a guerra e o ofício das armas. (LE GOFF, 2001, p. 59).

Em 1202, pontua Le Goff (2001) que Francisco, por volta dos seus vinte anos, participara da batalha em que se enfrentaram as duas cidades rivais, Perúcia e Assis, e foi feito prisioneiro pelos perusinos, por um período de um ano e libertado em 1203. Após esta desagradável experiência foi acometido por uma doença, que não se sabe a causa, imobilizando-o até 1204. (LE GOFF, 2001, p. 59).

Os anos de 1203 a 1207 foram de provação para o santo e lhe trouxeram três experiências para toda a vida: *a tristeza; a conciliação de ideais contraditórios e de tortura interior*. (LIMA, 1983, p. 17-18).

Nigg (1975) destaca que um dos acontecimentos, marcante e decisivo na vida de Francisco, foi quando entrou, certa vez, na igreja de São Damião, meio a ruínas, para lá rezar diante do Crucifixo. Estava compenetrado na oração, quando teve a sensação do Crucificado lhe dizer: “Francisco, não vês como a minha casa está em ruínas? Trata de reconstruí-la”. Então, ele pressentiu que era um mandamento inequívoco do Cristo. Desde esse dia, Francisco teve um relacionamento místico com o Cristo, de quem passou a ser um exemplo visível. Segundo o autor, o mandamento abrangia mais do que reconstruir a Igreja, pois, foi a primeira compreensão limitada do santo, que só teve a clareza no decorrer do tempo, tornando-se um renovador da Igreja e não reformador. Pouco tempo depois, outra vez, Francisco escolhido como líder do grupo, foi convidado por seus companheiros de bebedeiras para uma nova reunião festiva. Durante o evento, de repente, ele ficou visivelmente quieto e calado de vez. Seus amigos zombaram dele, dizendo: “Francisco está pensando em sua noiva”, ele respondeu: “De fato, estou para arranjar uma noiva, quero me casar com a

Senhora Pobreza”. Debaixo de barulhentas gargalhadas dos colegas, ele deixou a sala. Portanto, a partir dessa recusa simbólica se afasta pouco a pouco de seus súditos de uma forma definitiva. Dessa maneira, inicia-se a sua caminhada para sua nova vida, indo meditar numa gruta afastada. E assim, se prefigura o tema do casamento com a Pobreza. (NIGG, 1975, p. 12).

Retornando à igreja de *San Damiano* e sensibilizado com a sua deterioração, Francisco resolve juntar uma “trouxa de panos da casa paterna, ajeita-os sobre o cavalo e vai vendê-los em Foligno”, inclusive o próprio cavalo. Furioso com o desaparecimento da mercadoria, o pai manda procurá-lo, mas ele se esconde. Um pouco depois, “decidido a assumir a responsabilidade, deixa o esconderijo e se mostra aos conterrâneos”.

Essa mudança de comportamento de Francisco deixa as pessoas de Assis surpresas, e elas passam a zombar dele, tratando-o como louco, jogando-lhe lama e pedras. Então, diante dessa situação vexatória, seu pai resolve colocá-lo num cárcere privado, em sua casa, acorrentado. Passados alguns dias, “na ausência do pai, sua mãe, compadecida o solta”, e ele foi procurar refúgio com o bispo de Assis. (LE GOFF, 2001, p. 66).

Como resposta à acusação do pai, Francisco despiu-se diante do Bispo de Assis, Guido e, conforme testemunhado pelas pessoas presentes, devolveu suas roupas ao pai, bem como o dinheiro pelo qual se zangou, e disse: “Não considero a partir de agora Pietro Bernardone, meu pai. De agora em diante quero dizer: ‘Pai nosso, que estais no céu’, com o propósito de servir ao Senhor”. (NIGG, 1975, p. 15).

Le Goff (2001) considera essa atitude um tanto quanto solene, pois ela marca a ruptura de Francisco com sua vida anterior, ligada à nobreza, tornando-se livre para a caminhada rumo aos seus novos propósitos. Então, ao abrir mão de seus bens e despir-se, ficou inteiramente sem nada, isso, manifesta seu despojamento absoluto. (LE GOFF, 2001, p. 66).

No entanto, a sua conversão não se manifesta em primeiro lugar pela renúncia ao dinheiro e aos bens materiais. Cabe mencionar que, um primeiro ato antecipatório, parece se situar por ocasião da partida para a guerra na *Apúlia*, cujo objetivo era tornar-se um nobre cavaleiro da cruzada, o que não ocorreu. Depois disso, Francisco encontra um pobre cavaleiro com uma vestimenta velha, em péssimo estado e lhe dá sua capa (LE GOFF, 2001, p. 65).

Segundo Moreira (1997), Francisco produziu abalos na sociedade feudal de sua época, devido às suas atitudes inesperadas: inicialmente foi o desastre financeiro e o fracasso pessoal sentido pelo pai; uma inquietação constante para a mãe; expôs o nome da *família Bernardone* a tal ponto, que o seu irmão, Ângelo, passou a ignorá-lo; tornou-se um afrontamento para a Igreja medieval, diante dos luxuosos clérigos e bispos do seu tempo. A comuna burguesa de Assis percebia Francisco como “um pobre desprotegido, enfermeiro de leprosos, um rezador que gostava de lugares ermos, restaurador de igrejas caídas e repartia com os outros o pouco que conseguia”. (MOREIRA, 1997, p. 22).

Por outro lado, Francisco percebeu com clareza os estragos da Igreja medieval, como a inconciliável luxúria clerical com a vida pobre do Cristo. Porém, nunca quis saber de *polêmicas, protestos e manifestações*. O santo nunca assumiu nenhuma posição anticristã ou se contrapôs à hierarquia da Igreja, mas, em sua mística silenciosa do sofrimento suportou as deturpações. Seguir o Evangelho correspondia à sua maneira de viver. Nigg (1975) salienta que Francisco pensava em converter os príncipes da Igreja não pela crítica, mas pela santa humildade e pelo respeito. E que, por princípio, ele queria viver em paz com o clero, e se considerava um *auxiliar dos sacerdotes* (NIGG, 1975, p. 25).

Nigg (1975) destaca que Francisco restaurou três Igrejas entre 1206 e 1208: São Damião, São Pedro e, por fim, dirigiu-se a um lugar chamado Porciúncula, onde havia uma igreja da Virgem Mãe de Deus, desprezada e descuidada e aí permaneceu até restaurá-la. Aponta que o santo amava muito este lugar, pois foi lá que fundou a Ordem dos Frades Menores, em 1209, inspirado por uma

revelação divina, a partir da escuta do *Evangelho do envio Apostólico*, narrado pelo evangelista Mateus (BÍBLIA, Mateus, 10,9-10). Sua reflexão levou à seguinte exaltação: “Isto é que desejo, isto aspiro no íntimo do meu coração”. E imediatamente, Francisco tirou os sapatos, jogou fora o bastão, vestiu uma túnica áspera, cingindo-a com uma corda (NIGG, 1975, p. 69).

Lima (1983) enfatiza que Francesco Bernardone, logo após a chegada dos primeiros frades, e ao ver que as suas palavras não foram em vão, refugiou-se para as montanhas de Rieti, numa gruta alpestre, passando a vivenciar *uma vida contemplativa, de pura espiritualização, de renúncia total às coisas da terra para a purificação absoluta da alma*, segundo o santo “era empoeirar os pés do espírito” (LIMA, 1983, p. 20).

Vale dizer que, em outras ocasiões, Francisco ficava só, entre rochas e árvores, no cume do Monte Alverne, em imensa solidão. Essa montanha lhe fora dada, como eremitério, pelo senhor Orlando de Chiusi, de forma definitiva, em 1213. Cabe evidenciar que o santo, certa vez, entre os horríveis sofrimentos, voltara da estada milagrosa no Monte Alverne e foi repousar no próprio jardim do convento de São Damião, onde vivia [Santa] Clara, e lá armou uma choupana. São Damião, foi o local onde se estabelecera a segunda Ordem, porém, feminina, denominada posteriormente de Ordem das Clarissas, fundada por Clara, orientada por Francisco, em 1212. (LIMA, 1983, p. 21-33).

Evidencia-se que Francisco abrigava-se, frequentemente, em cavernas e buracos, onde procurava uma proteção, semelhante aos animais. O *Poverello* queria realizar em si mesmo a vida pobre do Cristo, de quem foi dito, conforme (BÍBLIA, Mateus, 8,20): “as raposas têm suas tocas e as aves do céu seus ninhos, mas o Filho do Homem não tem onde repousar a cabeça” (NIGG, 1975, p. 13).

É importante esclarecer que o santo buscava ora ficar no meio da comunidade, ora no retiro eremítico, ou, em outras palavras, pregava e se relacionava no meio urbano e procurava se regenerar *na e pela solidão*. Ele propôs

a estrada e a peregrinação como meios de levar a evangelização. (LE GOFF, 2001, p. 37).

Ressalta-se que já com um certo número de irmãos na Ordem, Francisco decide ir a Roma, em 1209, segundo Teixeira (2014, p. 84), acompanhado de onze frades, para pedir ao Papa Inocêncio III que aprovasse a *Regra* de conduta deles. Depois de analisar o texto, o Papa deu uma aprovação verbal e nada por escrito, conhecida como a *primeira Regra*. Porém, impôs obediência dos frades a Francisco e dele aos papas. Assim sendo, mandou tonsurar⁴ todos eles, que eram leigos, e ao que tudo indica, segundo a *Legenda dos Três Companheiros* (LTC 52), conferiu-lhes o diaconato e lhes autorizou apenas a pregar, quer dizer, a dirigir exortações morais ao povo (LE GOFF, 2001, p. 73-74).

Entretanto, Le Goff (2001) pontua que, mais tarde, em 1221, Francisco dá início à redação da nova regra, que não foi aprovada, conhecida como *Regra não Bulada* (*RnB*) que após alterações, é aprovada pelo Papa Honório III, pela bula de 1223 (daí, *Regula Bullata- Regra Bulada-RB*), vigente até hoje. (LE GOFF, 2001, p. 93).

Diante da autorização, prescrita na primeira Regra, Nigg (1975) enfatiza que Francisco, em suas pregações, adotava palavras simples, “as quais penetravam no íntimo dos corações e estimulavam o espírito dos fiéis”. Antes de iniciar o sermão, o santo dizia-lhes, segundo Celano (1Cel 23): “O Senhor vos dê a paz” (NIGG, 1975, p. 70).

Francisco mostrou, através de suas atitudes, que os leigos são dignos e capazes de levar, como os clérigos, uma vida verdadeiramente vocacionada: “*com fidelidade à Igreja, humildade, veneração aos sacramentos e a recusa na sua ordem da hierarquia e a prelazia* [diocese]”. (LE GOFF, 2001, p. 38).

⁴ Tonsura é um corte circular do cabelo, na parte mais alta e posterior da cabeça, que se faz nos clérigos, semelhante a uma coroa. Prima tonsura: cerimônia religiosa em que é conferido ao prelado ordenado o primeiro grau de clericato [Diaconato]. (FERREIRA, 1986).

Le Goff (2001) destaca que, segundo Celano (1228), aconteceram com Francisco quatro episódios que afetaram a sua saúde: o primeiro, foi o abalo inicial que surgiu durante uma doença, cuja causa nada se sabe; o segundo foi que, durante toda a sua vida, até a morte, sofreu de dois tipos de males: doenças dos olhos e afecções do sistema digestivo: estômago, baço e fígado; o terceiro, as viagens, as pregações, as fadigas e as práticas ascéticas que agravaram essa saúde debilitada; o quarto, é que Francisco não tinha simpatia especial pelos médicos, sobre os quais, dizia preferir “o único e verdadeiro médico, o Cristo”. Entretanto, em certa ocasião, ele cede a Frei Elias que cita o Livro do Eclesiástico (BÍBLIA, Eclesiástico 38, 4): “da terra o Senhor criou os remédios, o homem sensato não os despreza” e o convence a consultar com os médicos pontifícios em Rieti, quando a doença dos olhos o torna quase cego. (LE GOFF, 2001, p. 64).

4. A mística em Francisco de Assis

A fé, a oração, a contemplação e a meditação franciscana, remetem aos elementos utilizados pelo santo, tais como: a reza, o silêncio, a poesia, a pregação itinerante, a percepção da interdependência entre os seres vivos ou não, tudo isso, facilitará na compreensão de serem propiciadores da manifestação da mística do encontro de Francisco com o Divino, permitida pela graça do Sagrado.

4.1 Práticas místicas preponderantes que podem ser contempladas em Francisco de Assis

Lima (1983) pontua que Francisco com a praxe das pregações itinerantes, semelhante às do Cristo, se contrapunha aos religiosos de seu tempo, os quais costumavam fixar-se em mosteiros. Ele tinha a crença e a convicção radical de que deveria seguir plenamente o Evangelho, como forma de imitar a vida de Cristo. E assim, desenvolveu uma profunda identificação com os problemas dos pobres necessitados e com a humanidade do próprio Cristo. Suas atitudes foram extraordinárias, através de seu dom contemplativo com a natureza, a casa

comum, e o universo, quando *afirmou a bondade e a maravilha da Criação*, expressa no Cântico da Criação, num tempo em que *o mundo era visto como essencialmente mal, devido à influência neoplatônica* (LIMA, 1983, p. 8).

Durante toda a sua vida, Francisco dedicou-se à alteridade com qualquer ser vivo chamando-os de irmãos e irmãs:

E ao mesmo tempo a mais suave das criaturas. A quem os pássaros obedeciam estranhamente. Que falava aos bichos, às árvores, às águas. A tudo que era são e puro. Que, certa vez, quando uma brasa da lareira pegou fogo em seu hábito, não queria apagar o fogo para não fazer mal à *irmã chama* (LIMA, 1983, p. 8).

Dessa maneira, Lima (1983) salienta que a cosmovisão de Francisco possuía um vínculo de parentesco, interdependência e integralidade com toda a Criação, por sua convicção de sermos oriundos do mesmo Pai. Assim sendo, quando Francisco falou às aves foi para *louvar nelas a liberdade, a disposição natural e o desprendimento, como que ir ao encontro com o Criador*. O santo desejava viver na terra como um peregrino. Sua poesia foi expressamente a “alegria de viver, e de viver as coisas do Senhor”. Portanto, Francisco de Assis foi considerado pelo autor, um trovador. (LIMA, 1983, p. 28–32).

Vale dizer que, as Fontes Franciscanas narram a compaixão, a alegria e o êxtase de Francisco em inúmeras ocasiões: celebração do Natal através do presépio de Greccio (LM 10,7), na pregação aos pássaros nas Lagunas de Veneza (LM 8,9), diante da reprovação do *irmão mosca* (1Cel 81), ao pronunciar o nome de Deus (1Cel 82), ao ouvir contar sobre o bom conceito dos seus frades (2Cel 178); na vivência do trabalho, na oração e na pobreza (LM 4,3), pela graça de vencer-se a si mesmo e suportar difamações, desrespeito, desprezos e agressões (I Fiorett 8), pela alegria de ser o menor dos pobres (1Cel 35; 1Cel 42) e por ter percebido a vontade de Deus a seu respeito (1Cel 7). Francisco dialogava e cantava com as aves e os bichos (LM 8,9); cantava em francês pelos bosques ao ser assaltado e maltratado (1Cel 16) e cantava também ao Senhor em francês (2Cel 127). (MOREIRA, 1997, p. 40).

Diante dos diversos acontecimentos, em sua vida, o santo comentou: “ninguém me ensinou o que eu devia fazer, mas Ele mesmo, o altíssimo Deus, me revelou que devia viver segundo a forma do santo Evangelho”, conforme registrado no seu *Testamento, bem como decisões deveria tomar*. Nigg (1975) evidencia que Francisco causou um mal-estar a muitos cristãos acomodados, mas, ser outro Cristo para o mundo, é um título tão alto que não pode ser superado. E afirma que o santo é o símbolo da lembrança viva do Cristo e merece o nome de *transformador do mundo*. (NIGG, 1975, p. 17-19).

Da alegria do santo, nasceu também a sua mensagem da paz; ele ordenou aos irmãos que saudassem as pessoas com estas palavras: “o Senhor te dê a paz”. Visto que a palavra *paz* aparece no Evangelho narrado pelo evangelista Lucas (BÍBLIA, Lucas, 2,14): os *anjos cantaram no dia de Natal: “e paz na terra aos homens”*, ela é, portanto, de origem divina e Francisco possuía essa paz. (NIGG, 1975, p. 28).

Francisco foi um homem encantado com a natureza; e ele a contemplava, observando a criação de forma atenta e cuidadosa, pois tinha afeição por tudo que movia e voava, mas, não se esquecia dos seres sem sensibilidade. Ele “pregou aos pássaros como se fossem criaturas racionais”, chamava amavelmente todas as criaturas de irmãs e irmãos, isso era uma prova completa de sua percepção de fraternidade com a natureza. “Amava os cordeirinhos, que eram símbolo do cordeiro de Deus que carrega os pecados do mundo”! Certa vez, pegou com ternura um vermezinho que estava no caminho e o colocou em um lugar seguro para não ser pisoteado por alguém. (NIGG, 1975, p. 29).

Nigg (1975) sinaliza que, para o poeta Reinhold Shneider (1903-1958), o *Poverello* deu continuidade à realização da Palavra, sendo uma resposta concreta da essência de um cristão. Pontua, ainda, que, para Julien Green (1900-1998), escritor que, em seus romances afirmou ter-se o homem contemporâneo se afastado de Deus, e destacou: “há alguns dias me pergunto se o Cristo, no tempo

da vida de Francisco, não nos deu pela segunda vez o santo Evangelho” (NIGG, 1975, p. 38-40).

Assim sendo, Francisco propôs um tipo de santidade e vida centrada radicalmente em Cristo a ponto de se identificar com Ele e tornou-se o primeiro homem a receber estigmas semelhantes aos de Jesus Cristo. O santo é considerado “um dos personagens mais impressionantes de seu tempo, da história medieval, até os dias de hoje”. (LE GOFF, 2001, p. 9).

Logo no início do *Testamento de Francisco*, quando lembra sua conversão, Le Goff (2001, p. 67) enfatiza que o santo disse:

O Senhor me deu, a mim, irmão Francisco, a graça de começar a fazer penitência: quando ainda estava em pecado, parecia-me muito amargo ver os leprosos, mas o próprio Senhor me levou a estar com eles e eu usei de misericórdia: quando me afastei dali, aquilo que antes me parecia amargo rapidamente se transformou em doçura de alma e de corpo. Em seguida esperei um pouco, e saí do mundo. (LE GOFF, 2001, p. 67; Test 1-3).

Le Goff (2001) lembra que a prática mística de Francisco com o crucifixo, em *San Damiano*, tornou-se o marco inicial que levou Francisco a reconstruir as três igrejinhas, já mencionadas. Mais tarde, ainda em 1208, Deus fala novamente a Francisco na igrejinha da Porciúncula, durante uma missa, após a leitura de um trecho do *Evangelho do envio dos Apóstolos, narrado pelo evangelista Mateus* (BÍBLIA, Mateus, 10,9-10). Então, a partir dessa escuta, o santo, em êxtase, repleto de alegria e inspirado pelas palavras, toma atitudes que vieram a dar origem à Ordem dos frades, em 1209. Vale dizer que, em 1224, o santo vivenciou outra prática mística, através da visão de um anjo Serafim, com seis asas, com braços abertos e pés juntos fixados sobre uma cruz. E como resultado dessa *mística contemplativa recebeu os estigmas de Cristo*, o ápice de sua caminhada de imitação a Cristo, tornando-se “o servo crucificado do Senhor crucificado”. (LE GOFF, 2001, p. 89).

Após receber os estigmas, Francisco, muito debilitado, retoma, em 1224, as suas viagens itinerantes, montado num jumento. Suas doenças pioram e ele

fica quase cego, além de sofrer terríveis dores de cabeça. Nessa ocasião, volta a visitar [Santa] Clara, em *San Damiano*, que o vê doente e se dispõe a cuidar dele. Lá, naquela ocasião, supõe-se que ele compôs o poema o *Cântico do Irmão Sol*. Sem demora, Frei Elias consegue convencer o santo a consultar com os médicos do Papa, em Rieti. Entretanto, o quadro clínico do santo não evoluiu, como esperado, e o seu estado de saúde piorou. Diante disso, os frades de Sena o chamam para lá, afirmando que poderiam curá-lo. Mas, seu estado não melhorou, e nessa ocasião, ele lhes dita o seu *Testamento*. Um pouco depois, Francisco tem relativa melhora e vai para o eremitério Celle, porém, lá sua doença volta a se agravar e solicita que o levassem para Porciúncula. Em Porciúncula o santo era vigiado pelos frades, que rezavam, e todos eram protegidos pelos homens armados de Assis, para evitar o roubo do corpo, pois, “o costume da época era de se guardar os cadáveres dos santos como relíquias”. Mais tarde, no dia anterior à sua morte, Francisco pediu para que lessem a Paixão de Cristo, narrada pelo evangelista João (BÍBLIA, João, 13,1), em seguida, reproduz a ceia de Cristo, benzendo o pão e distribuindo entre os irmãos. No dia seguinte, 3 de outubro de 1226, recita o *Cântico do Irmão Sol*. Depois, o santo pediu que o colocassem nu sobre a terra nua, porque desejava “lutar nu com nu”. Então, posto no chão, segundo (2Cel 214), voltou o seu rosto para o céu e pronunciou as seguintes palavras aos frades: “Fiz o que tinha que fazer. Que Cristo vos ensine o que cabe a vós!” (CELANO, 1975, p. 208). Nesse momento ele morre, aos *quarenta e quatro (ou cinco) anos*. O cortejo seguiu para São Jorge, local do enterro provisório, mas antes houve uma rápida parada, em *San Damiano*, para [Santa] Clara despedir-se do amigo. (LE GOFF, 2001, p. 91).

Le Goff (2001) ressalta que os hinos e as preces do santo mostram a *sua sensibilidade poética e lírica: Louvor de Deus nas Horas Canônicas (LH), a Saudação às virtudes (SV), a Saudação à Bem-Aventurada Virgem Maria (SM) e o Ofício da Paixão do Senhor (OP) todos testemunham o sentido litúrgico de Francisco.* (LE GOFF, 2001, p. 100).

Por fim, em 17 de julho de 1228, segundo Le Goff (2001), a canonização de São Francisco de Assis foi estabelecida pelo papado, dois anos após a morte do santo. Na época, o Papa era Gregório IX (antes Cardeal Ugolino), seu protegido, que lhe prestou uma homenagem na qual se misturaram a veneração e a sua intenção política. Vale esclarecer que, em 1230, o Frei Elias mandou construir uma Basílica⁵ majestosa que, segundo o autor, é uma contradição ao pensamento de Francisco. (LE GOFF, 2001, p. 90-91).

4.2 Os Ecos das práticas de São Francisco para superarmos os problemas ecológicos de nossa contemporaneidade

Lima (1983) resume o século XX da seguinte maneira:

[Foi] um século de sensualismo, de luxo, de mundanismo, de indiferença pela Igreja, de repulsa ao espírito religioso, de desequilíbrio, de ânsia pelo dinheiro, de industrialismo crescente, de vitória da máquina sobre o homem, século de gozos, consumismo, liberdade total, inversão de valores, velocidade de comunicação e agitação, tudo isso, é totalmente contrário ao espírito de São Francisco de Assis no século XIII. (LIMA, 1983, p. 45).

Segundo Lima (1983), passou-se de um *feudalismo do sangue*, que teve seu início no século V⁶, para um sistema capitalista que foi adotado em quase todo o mundo e começou a dar seus primeiros sinais de existência no século XV, com o enfraquecimento do sistema feudal. O capitalismo e a concorrência desenfreada são concebidos como um *feudalismo do dinheiro*. Isso, nos afastou da natureza, mas nos aproximou da necessidade de uma revolução espiritual como a de São Francisco. O que requer um retorno à natureza, à simplicidade, às condições de saúde e espontaneidade natural, as quais as sociedades se distanciaram com o tempo. Esse retorno à natureza, no século XX,

⁵ Nominada Basílica Santa Maria dos Anjos, cujo período de construção se deu entre os anos de 1569 a 1679, e inclui a Igreja da Porciúncula no seu interior.

⁶ Início e fim do feudalismo conforme CASTRO, Talita de. *Sistema Capitalista: a origem e as fases do capitalismo!* Sítio Politize! Publicado em 5 dez. 2018.

nos remete ao fenômeno universal dos *hippies*, da década de 1960. Porém, uma revolução no sentido espiritual e social, um revolucionário integral, não apenas político, como Francisco o foi, em consonância com a mensagem evangélica. Não foi apenas um individualista ou anti-institucionalista, mas, um reformador radical dos costumes, dos princípios, e das instituições. Essa predisposição foi estendida, de forma intencional, a toda comunidade de sua época e se prolongou através dos tempos até os dias de hoje, mediada pela Ordem dos Frades Menores e suas ramificações. (LIMA, 1983, p. 45-68).

Moreira (1997) esclarece que Francisco de Assis não pertence mais apenas à Igreja ou a uma Ordem religiosa; ele tornou-se um patrimônio da humanidade; virou símbolo, um modelo para o *vir-a-ser* de um humano. (MOREIRA, 1997, p. 5).

Para Moreira (1997), “um mal-estar incomoda nossa cultura do sucesso e do ter”; isso nos leva a uma sensação de vazio e futilidade, que não pode ser imputado ao Criador. Então, a quantidade exorbitante de conhecimentos, de informações e o avanço dos meios de comunicação que dominamos, hoje, não resulta para nós em mais *felicidade*, contradizendo a promessa do capitalismo selvagem. A cultura da posse baseia-se na acumulação de bens materiais e no afastamento ou exclusão dos mais necessitados. Assim sendo, chegar-se ao santo, não é algo simplório, é necessário que tenhamos, hoje, a coragem e a humildade para evocarmos “a alteridade vivida por São Francisco de Assis”. O autor enfatiza que as ações atuais se concretizam somente em expressões criadas para descrever a nova situação em que vivemos: *uma sociedade mundial; uma modernidade e pós-modernidade; a aldeia global; o mercado global* e outras. Diz que, infelizmente, o capitalismo se converteu em um sistema econômico-social dominante no mundo. Mas, por outro lado, salienta que o cristianismo e as grandes religiões do mundo, por serem instâncias de sabedoria, podem conduzir o ser humano à *sua vocação sabática*, e *sua aspiração à alteridade absoluta*. Dessa

maneira, somos remetidos à pessoa de Francisco de Assis, um modelo humano universal. (MOREIRA, 1997, p. 23-31).

Ainda, segundo Moreira (1997), a modernidade trouxe o aniquilamento da mística da comunhão com a natureza, a partir do conhecimento e do controle sobre as forças da natureza. Imputa-se ao Cristianismo, pelo não esclarecimento do texto do Livro do Gênesis (BÍBLIA, Gênesis, 1,28) que diz: “sede fecundos e multiplicai-vos, enchei a terra e submetei-a”, ter contribuído para uma má interpretação e para a construção de uma mentalidade depredadora. Porém, enfatiza que a reflexão do movimento ambientalista faz o seguinte alerta: “se não pararmos com a destruição da natureza, nós nos destruiremos junto com ela”. Dessa maneira, tem consonância com a concepção de São Francisco que afirmava: “preciso respeitar todos os seres, porque todos foram criados por Deus, todos temos a mesma origem, e cada criatura canta à sua maneira a glória do Criador”. Essa concepção do santo tem origem no reconhecimento do mistério da paternidade e maternidade cósmicas de Deus. Daí sua profunda irmanação com a Criação, da qual ele se considerava o “irmão menor” (MOREIRA, 1997, p. 37). Assim sendo, São Boaventura (1979) nos diz que o santo era:

Acostumado a voltar continuamente à Origem primeira de todas as coisas, concebeu por elas todas uma amizade extraordinária e chamava irmãos e irmãs as criaturas, mesmo as menores, pois sabia que elas e ele procediam do mesmo e único princípio. [Deus, o Criador] (BOVENTURA, 1979, p. 75; LM 8, 6).

Moreira (1997) sublinha que Francisco, com sua sabedoria intuitiva, afeição e fraternidade para com a aldeia global tem muito a nos ajudar para a construção de uma ética ecológica mínima e de aplicabilidade universal. E comenta que o budista tibetano, o XIV Dalai Lama, compreende que *a falta crescente de compaixão mundial se deve principalmente à ignorância sobre a compreensão de que nossa natureza é entrelaçada*, ou seja, interdependente. E, ainda pontua que o Dalai Lama questiona *de que adianta fazer progressos materiais, obter sucessos, se renunciamos à cooperação ou à solidariedade diante das necessidades do outro?*

Justamente, por ser capaz de captar e compreender a fonte originária da vida, que Francisco experimenta uma intensa compaixão para com as criaturas, os irmãos enfermos, as coisas e os animais. (MOREIRA, 1997, p. 38). E ressalta que o biógrafo Tomás de Celano (1975), apresenta em seu relato a compaixão de Francisco pela criação, pois:

Poupava os candeeiros, lâmpadas e velas, porque não queria apagar com sua mão o fulgor que era um sinal da luz eterna. [...] proíbe aos irmãos que cortam lenha cortar pelo pé toda a árvore, para que tenha esperança de brotar de novo. [...] manda traçar um canteiro na horta para as ervas aromáticas e que produzem flores, para que elas evoquem os que a contemplam à recordação da suavidade eterna. Recolhe do caminho os vermezinhas, para que não sejam pisados, e manda que sejam servidos mel e o melhor vinho às abelhas, para não morrerem de fome no rigoroso frio do inverno. Chama com o nome de irmão todos os animais, conquanto entre todas as espécies de animais prefira os mansos (2Cel 124, 165).

Nigg (1975) compreende o rompimento de Francisco, com a sociedade burguesa da época, como sendo uma revolta da juventude, confrontando-a com o movimento coletivo contracultural *hippie*, da década de 1960, quando teve lugar um estilo de mobilização e contestação social contra a geração dos pais dos jovens daquela década. Pontua que comparar, literalmente, o movimento *hippie* e o de São Francisco, não procede. Esclarece que os adeptos ao movimento *hippie* deixavam a barba e os cabelos crescerem, andavam com roupas desmazeladas, tatuados e se revoltavam contra o *mundo tecnicizado*, mas, não apresentaram uma proposta alternativa. Além disso, era uma juventude com grande *angústia espiritual*. Por isso, muitos deles se entregaram às drogas e migraram para um destino cruel, semelhante ao da *cruzada infantil*, que se desfez em *noite de horror*. (NIGG, 1975, p. 16).

A cruzada infantil ocorreu em 1212, segundo Le Goff (2001), logo após os reis cristãos da Península Ibérica unirem suas forças militares, em Las Navas de Tolosa, contra os mulçumanos (os infiéis), e os derrotarem, trazendo novas esperanças para a Cristandade. Então, de junho a setembro de 1212, vieram

tropas de jovens da França e da Alemanha que se reuniram na região do Norte [Itália de hoje] com o intuito de lutarem na Terra Santa. Essa *cruzada* foi falsamente denominada *das crianças ou infantil*, que se debandaram, ao enfrentar dificuldades perante a hierarquia eclesiástica; dentre eles estavam Francisco de Assis e seu companheiro, porém em missão religiosa. No entanto, o santo e seu companheiro, embarcam em um navio de partida para a Síria. Mas, durante o percurso, foram jogados pelos ventos contrários sobre a costa dálmata. De lá, clandestinamente, ambos adentraram em um barco. Em seguida, a tripulação os descobriu, e eles apenas conseguiram salvar-se porque o santo aplacou uma tempestade e multiplicou as provisões de bordo para a sobrevivência da tripulação. (LE GOFF, 2001, p. 79).

Nigg (1975) sinaliza que Francisco sabia exatamente o que desejava e que ninguém conseguia desviá-lo de seu objetivo. Enfatiza que o coração do santo se abalava de compaixão para com as criaturas. (NIGG, 1975, p. 29). E, isso, pode ser expresso, no poema *O Cântico do Sol*, de São Francisco, que é a imagem de seu relacionamento com as criaturas:

Altíssimo, onipotente, bom Senhor, teus são o louvor, a glória e a honra e todo o bendizer. A ti somente, altíssimo, são devidos. E homem algum é digno sequer de nomear-te.	Louvado sejas, meu Senhor, pelo irmão vento e o ar e as nuvens, e o céu sereno e toda espécie de tempo, pelo qual às tuas criaturas das sustentos.	Louvado sejas, meu Senhor, por aqueles que perdoam por teu amor, e suportam enfermidades e tribulações. Bem- aventurados os que sofrem
Louvado sejas, meu Senhor, no conjunto de todas as tuas criaturas, especialmente o senhor irmão sol, pois ele é dia e nos ilumina por si. E ele é belo e radiante com grande esplendor. E porta teu sinal, ó Altíssimo.	Louvado sejas, meu Senhor, pela irmã água, a qual é muito útil e humilde e preciosa e casta.	em paz, que por ti, Altíssimo, serão coroados.
Louvado sejas, meu Senhor, pela irmã lua e as estrelas, no céu as formaste luminosas e preciosas e belas.	Louvado sejas, meu Senhor, pelo irmão fogo pelo qual iluminas a noite; e ele é belo e alegre e vigoroso e forte.	Louvado sejas, meu Senhor, por nossa irmã, a morte corporal, da qual ninguém pode escapar. Ai daqueles que morrem em pecado mortal! Felizes os que estão na tua santíssima vontade, que a morte segunda não lhes fará mal.
	Louvado sejas, meu Senhor, por nossa irmã e mãe terra, que nos alimenta e governa e produz variados frutos e	Louvai e bendizei a meu Senhor e rendei-lhe graças e servi-o com grande

produz coloridas flores e humildade. (NIGG, 1975, ervas. p. 29-30).

Segundo Nigg (1975), o *Cântico do Sol ou das Criaturas*, nos atualiza sobre todas as criaturas que o santo chamava de irmãs e irmãos, por exemplo, o vento, o tempo, o ar, a água, o fogo e a terra inteira como nossa mãe. Inclui também as frutas, flores e ervas, não esquecendo dos seres humanos que, por amor, praticam o perdão e permanecem em paz. O autor evidencia que existe muita coisa inexaurível no Cântico do Sol, e diz que ele, “mais do que toda a teologia junta, é fé, é mística, é união com Deus”. (NIGG, 1975, p. 29-31).

Junges (2001) evidencia que o Cântico do irmão Sol é um dos escritos religiosos e poéticos mais belos depois do Evangelho. Há duas partes no hino: “uma lírica que canta a beleza e o encanto das criaturas e a outra a trágica que fala dos sofrimentos, tribulações e da morte dos seres humanos”. O autor evidencia que o santo dá um tratamento mais apurado ao sol, pela luz que ele irradia, sendo assim, *de uma forma figurada*, a própria imagem do Altíssimo. O sol é tratado como uma criatura que fornece energia para toda nossa galáxia. Dessa maneira, “a intuição dele apontando a primazia do sol é ecologicamente correta”. Porém, sob o ponto de vista teológico, pode-se compreender que *Deus sustenta todas as criaturas do universo e está presente pela energia vital que pulsa nelas*. Assim, *metaforicamente, pode-se conceber Deus como a imagem do sol que brilha para todos, os justos e injustos* (JUNGES, 2001, p. 60).

Na perspectiva ecológica, segundo Junges (2001), os desafios a serem enfrentados pela ecologia atual apontam para a necessidade de uma transformação, “uma conversão ética não será possível sem a inspiração de uma mística”. Só a *mística* consegue modificar verdadeiramente os costumes e hábitos culturais arraigados. Daí, a necessidade e a urgência por uma espiritualidade ecológica. Entretanto, segundo o autor, “uns formulam uma mística secular e panteísta, impulsionadora desse novo ser humano harmonizado e integrado com a natureza”. Já, por outro lado, outros “vão em busca de místicas orientais de

inspiração budista”. E se esquecem que na tradição cristã existem místicos com profunda sensibilidade ecológica, por exemplo, em duas escolas de espiritualidade cristã: a *franciscana* e a *inaciana*. (JUNGES, 2001, p. 55).

Enfim, o *Poverello* nos revela que a opção pelos pobres e enfermos (*em sua época, leprosos, hoje: hansenianos e portadores do vírus HIV*), pode nos conduzir à compaixão e à ternura pela criação. Sinaliza que o amor incondicional que levou Francisco aos leprosos e ao lobo de Gúbio, igualmente o fez acolher os pobres nas estradas, dialogar e pregar para os pássaros. O santo sabia que no mundo imperam as desigualdades, mas, nem por isso, deixou-se abater pelo desânimo, evitando que isso fosse um obstáculo em sua vida. Francisco sempre acreditou na transformação gerada pela força intrínseca da poesia, do canto, da dança, do hino, das orações e do amor incondicional. Assim sendo, o santo nos estimula a atualizarmos, dizendo: “nosso lugar é a Terra, mãe e amiga, feita jardim do Éden, para cultivá-la com carinho e guardá-la com o coração na mão”. *Cuidar da espaçonave-terra, casa comum, é nossa obrigação e agradecimento ao Criador, e devemos tratá-la com carinho e responsabilidade para salvaguardar a espécie humana e dos demais seres vivos ou não, nossos irmãos no universo.* (BOFF, 2008, p. 69).

5. As argumentações e os parâmetros adotados para conceder à São Francisco de Assis o título de *Místico da Ecologia*

Núñez (2016) evidencia não ser necessário muito “trabalho para demonstrar os méritos do *Poverello*”, e ele merecer o título de *patrono dos ecologistas*. Para isso, basta rever “a sua vida evangélica, o seu espírito de contínuo louvor a Deus, a sua capacidade de contemplar e admirar a beleza das coisas e a sua capacidade de fraternidade universal”. (NÚÑEZ, 2016, p. 18).

Junges (2001) afirma que Lynn White, em 1967, propôs Francisco de Assis como o *santo patrono dos ecologistas*. Somente, em 1979, “o Papa João Paulo II o proclamou oficialmente patrono celeste dos cultores da ecologia, com todos os

privilégios litúrgicos inerentes, por meio da carta apostólica *Inter sanctos praeclarosque viros*". Destaca, ainda, que o filme "Irmão Sol, Irmã Lua" veio popularizar a imagem de um Francisco ecologista, pela ternura que tinha pela criação, expressa no belo poema *Cântico das Criaturas*. (JUNGES, 2001, p. 56).

Em 2015, segundo Núñez (2016), o Papa Jorge Bergoglio, que escolheu o pseudônimo *Francisco*, em homenagem ao santo, assinou a encíclica *Laudato Si* [louvado sejas] aludindo às palavras que se encontram no poema o *Cântico do Irmão Sol* de São Francisco de Assis. Assim sendo, o Papa atualiza o *carisma* de Francisco devido ao seu respeito pela natureza, pelos seres animados ou inanimados, como proposta para elaboração de uma ética global e a superação dos desafios de um mundo globalizado. A família franciscana agradece dizendo: "Quem ama a Deus não pode deixar de tratar bem e defender todas as suas criaturas". (NÚÑEZ, 2016, p. 15). Para Bento XVI, o Papa Emérito, o poema *Cântico do Irmão Sol* é "um exemplo admirável e sempre atual dessa multiforme ecologia da paz" (NÚÑEZ, 2016, p. 35).

É importante dizer que na encíclica *Laudato Si* (LS 10), o Papa Francisco, reconhece o santo como:

Um místico e um peregrino que vivia com simplicidade e em uma maravilhosa harmonia com Deus, com os outros, com a natureza e consigo mesmo. Nele se nota até que ponto são inseparáveis a preocupação pela natureza, a justiça para com os pobres, o empenho na sociedade e a paz interior (FRANCISCO, 2015).

Segundo Junges (2001), Francisco possuía um relacionamento muito harmonioso com os animais, *considerava-os interlocutores para conversar e convidava-os a louvar a Deus em uma atitude que integrava a criação ao seu Criador*. Esses episódios, estão descritos na coletânea *I Fioretti* [I Fior], por exemplo, o diálogo que Francisco mantém com os pássaros (I Fior 16), a pacificação do lobo de Gúbio (I Fior 21), a libertação das rolinhas presas (I Fior 22). Salienta que o

santo se mostra fraternal a todas as criaturas, como foi registrado no poema o *Cântico do irmão Sol*, que louva o Criador pelo elã vital⁷. (JUNGES, 2001, p. 58).

Junges (2001) esclarece que o poema, *O Cântico das Criaturas*, apresenta na primeira polaridade *o vento, masculino, que dá sustentabilidade às criaturas através do ar*, porém, *a água, feminina, é útil, humilde, preciosa e casta*. A segunda polaridade, refere-se à terra, feminina e é a nossa mãe que mantém, governa e produz frutos, porém, o fogo, masculino, às vezes devastador, é tratado como belo, agradável, vigoroso e forte. Dessa maneira, *os elementos se complementam para servir à vida*. Portanto, o *Cântico do Sol* louva ao Criador *pela harmonia e pelo equilíbrio que existe no Universo, irmanando toda criação e as personificando*. O santo finaliza sinalizando “o lado trágico da vida, apontando a fragilidade humana, pela presença do sofrimento e da morte”, mas, “louva a Deus pela possibilidade do perdão, da paz e da libertação da morte eterna”. Assim sendo, para Francisco, é inconcebível um “antropocentrismo do tipo moderno”, porque o ser humano está inserido na natureza e deve reconhecer e respeitar nela a grandeza do *Criador*. (JUNGES, 2001, p. 63)

Historiadores como, Henry Thode (1857-1920), em 1885, e Émile Gebhart (1839-1908), em 1906, concebem Francisco como o precursor do Renascimento e da Idade Moderna. Para eles, o santo tinha uma visão sensível da natureza e, através dela, foram “introduzidos na iconografia o retrato e a paisagem”. Além disso, “dele viriam na arte o realismo e a narrativa”. (LE GOFF, 2001, p. 103).

Boff (2008) aponta que, de forma concreta e registrada através de vários biógrafos, a figura de “São Francisco de Assis se tornou um arquétipo de confraternização exemplar com a natureza”. Por esse motivo, foi proclamado *patrono universal dos ecologistas*. (BOFF, 2008, p. 67-69).

Ainda, segundo Núñez (2016), a vida do *Poverello* de Assis tornou-se *uma contemplação do Criador invisível*, “que nas criaturas se torna visível”, percebendo

⁷ Elã vital é uma expressão de origem francesa (élan vital) que foi utilizada por Henri Bergson (1859-1941) para designar um impulso original da criação de onde proviria a vida.

e reconhecendo que todos somos irmãos e filhos do mesmo Criador. Portanto, o *Cântico das Criaturas* é uma expressão de admiração e de gratidão ao Altíssimo, o Criador. (NÚÑEZ, 2016, p. 20-21).

O autor postula que ao “aumentar o capital econômico, abusa-se da natureza e promove-se a guerra de interesses”. E lembra que, em 1642, segundo Hobbes (1588-1679), essa atitude egoísta foi expressa sob a forma: “a tua morte é a minha vida”. (NÚÑEZ, 2016, p. 32).

O Papa Francisco, na encíclica *Laudato Si*, (LS 10), diz que: “em São Francisco de Assis pode-se verificar até que ponto são inseparáveis a preocupação pela natureza, a justiça para com os pobres, o compromisso com a sociedade e a paz interior”. (NÚÑEZ, 2016, p. 91).

Para Núñez (2016), Francisco é, antes de tudo, uma pessoa de fé: não é apenas um ambientalista ou um pacifista, no sentido hoje dado a esses termos, mas um homem que se converteu e se tornou *um declamador de Deus, não um ativista social, mas aquele que abraça todos os seres como irmãos*. Por isso, mais do que uma ética que fale de obrigações e deveres, ele propõe *uma mística singular*, “uma espiritualidade ecológica, um modo holístico de se sentir em comunhão de vida com todas as criaturas”. (NÚÑEZ, 2016, p. 91).

Existem outros escritos de Francisco de Assis que, de forma clara, se referem à criação, por exemplo, a Regra não bulada (RnB 15,2; 16,1-2; 22-23); a Exortação ao louvor de Deus; os Louvores a serem ditos a todas as horas [canônicas]. As referências que narram o relacionamento do santo com os animais aparecem, sobretudo, nas biografias de Tomás de Celano (1Cel; 2Cel), por exemplo, 1Cel 58, 61, 77, 80-81); 2Cel 165 e, também, nas biografias de São

Boaventura⁸, exemplificando, Legenda Maior (LM 8,6; 8,11)⁹. (NÚÑEZ, 2016, p. 101-102).

Francisco de Assis, por não se considerar dono nem administrador da criação, *assumiu o modelo familiar ou de parentesco, passando a considerar as criaturas irmãs, membros da mesma família, e por isso se sentia responsável por elas e dependente delas*. Além disso, respeitava “a individualidade e a singularidade de cada criatura, evitando qualquer perigo de panteísmo ou feiticismo”. Ele amava e contemplava *a diversidade na natureza* (NÚÑEZ, 2016, p. 139-140).

Núñez (2016) nos lembra que Einstein (1879-1955) disse: “quem tenha perdido a capacidade de se maravilhar e surpreender-se com as coisas que o rodeiam, é como se estivesse morto, ou pelo menos cego”. Complementando, mesmo assim, é possível perceber as obras do Criador pelo tato. (EINSTEIN *apud* NÚÑEZ, 2016, p. 228).

A singularidade de São Francisco está na forma admirável de como articulou uma síntese entre a *ecologia interior (transformação da mente) e a ecologia exterior (interdependência dos seres animados ou não), de uma maneira integral e nos conduziu à mística cósmica*. Os principais biógrafos contemporâneos do santo, Tomás de Celano, São Boaventura e os seus companheiros imediatos (Legenda dos Três Companheiros), “são unânimes em afirmar a profunda empatia que Francisco mantinha com todos os seres da criação”. Francisco “não viveu apenas a mística da filiação divina, mas percebeu com profundidade a interdependência dos seres com o cosmo”. Por sesse motivo, chamava fraternalmente pelo nome de irmão e irmã: “o Sol e a Lua; o fogo e a água; as ervas daninhas; os pássaros; os animais; as enfermidades e a própria morte”. Então, pode-se dizer que o santo praticava “uma mística de confraternização universal, tratava todas as coisas com

⁸ BOAVENTURA. *LEGENDA MAIOR E LEGENDA MENOR*. Tradução de Fr. Romano Zago, O.F.M. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1979, p. 75, 79.

⁹ *LEGENDA MAIOR*. In: TEIXEIRA, Celso Márcio O.F.M (Org.). Tradução de José Carlos Correa Pedroso O.F.M.; Irineu Gassen O.F.M.; Ary Estêvão Pintarelli O.F.M. *et al. Fontes Franciscanas e Clarianas*.3.ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes 2014. p. 551-686.

respeito e veneração”. Além disso, Francisco solicitava “aos irmãos que não cortassem totalmente as árvores, para que elas pudessem brotar de novo; dava mel às abelhas, porque sofria vendo-as inquietas e famintas”. Essa notável ternura, com todas as alteridades da criação, se transformou na *ecologia exterior do santo*. (BOFF, 2008, p. 67-68).

Segundo Boff (2008), a ecologia “nos facilita entender o conceito teológico da criação, mediante o qual Deus e o Universo se diferenciam e ao mesmo tempo se aproximam”. Que “somos criados significa que viemos de Deus, temos nós Suas marcas e caminhamos para a Ele”. O autor esclarece que, por um lado, a reflexão cristã hegemônica “não aprofundou muito no mistério da criação”, devido “às razões históricas e institucionais, se concentrou muito no mistério da redenção”. Por outro lado, Francisco de Assis *soube articular melhor a criação e a redenção*, nos deixando o seu legado. O autor evidencia que Dante Alighieri (1265-1321) chamou Francisco, de *Sol de Assis*, que continua a irradiar até os dias de hoje, e nos convida a sermos “mais sensíveis, solidários e compassivos com todos os seres do cosmos”. (BOFF, 2008, p. 61-63).

Considerações finais

Após estudar, investigar e analisar a vida de Francisco de Assis, levando-se em conta o que foi observado, sobretudo após sua conversão, por exemplo, as práticas místicas e religiosas, a vida meditativa, contemplativa e de oração, o cuidado do santo com os animais, com os pobres mais necessitados, com a natureza, e o universo; tudo isso compilado se traduz nos argumentos procurados. Além disso, a preocupação do santo com toda a criação irmanada e a releitura de sua vida convertida exemplar, o torna como fonte iluminadora para solucionarmos os problemas ambientais ecológicos atuais. Essas atitudes paradigmáticas apontam para Francisco de Assis como *o precursor de atitudes antecipadas de uma ecologia totalitária*. Vale lembrar que o Papa Francisco, através da *Laudato Si* (LS 10), o considera como um “modelo, por excelência, de uma

prática ecológica integral, vivida com alegria e autenticidade”. O santo, de forma coerente, fez a sua parte e soube interpretar o que nos disse o apóstolo Paulo: “pois sabemos que toda a criação geme e sofre como que dores de parto até o presente dia.” (BÍBLIA, Romanos, 8,22). Portanto, agregando-se aos argumentos abordados, a *radicalidade no seguimento e na imitação de Jesus Cristo*, segundo os evangelhos, encerram-se os parâmetros procurados. Assim é possível concluir que, em vista dos argumentos e parâmetros apresentados e a investigação realizada, sem sombra de dúvidas, podemos atribuir ao santo o título de *Místico da Ecologia* que é a proposta deste artigo. Cabe aqui pontuar que este estudo não exaure o tema: existe, disponível, um quantitativo enorme de fontes para outras pesquisas acadêmicas a respeito desse grande místico, apaixonado e identificado com as maravilhas da criação, o que aponta para realização de outros estudos.

Referências

AGOSTINHO, Santo. *Confesiones. Cae en los engaños maniqueos. In: Libro Tercero*. Tradução Ángel Custodio Veja Rodríguez, 370-373, cap. VI,11. Disponível em: http://www.augustinus.it/spagnolo/confessioni_conf_03_libro.htm. Acesso em: 30 jun. 2021.

AMIM, Mônica. A IDADE MÉDIA: um tempo de fazer cristão. *Revista ComparArte*, Rio de Janeiro, v.1, n.1, p. 116-142, 2017. Disponível em: [Idade Média - Cristianismo.pdf](#). Acesso em: 11 mai. 2021.

BÍBLIA, A.T. Eclesiástico. *In: BÍBLIA. Português. Bíblia de Jerusalém: Antigo e Novo Testamentos. Revisão da tradução École Biblique de Jerusalém. 7. ed. São Paulo: Paulus, 2011. p. 1203.*

BÍBLIA, A.T. Gênesis. *In: BÍBLIA. Português. Bíblia de Jerusalém: Antigo e Novo Testamentos. Revisão da tradução École Biblique de Jerusalém. 7. ed. São Paulo: Paulus, 2011. p. 35.*

BÍBLIA, N.T. Mateus. *In: BÍBLIA. Português. Bíblia de Jerusalém: Antigo e Novo Testamentos. Revisão da tradução École Biblique de Jerusalém. 7. ed. São Paulo: Paulus, 2011. p. 1720.*

BÍBLIA, N.T. Lucas. *In: BÍBLIA. Português. Bíblia de Jerusalém: Antigo e Novo Testamentos. Revisão da tradução École Biblique de Jerusalém. 7. ed. São Paulo: Paulus, 2011. p. 1790.*

BÍBLIA, N.T. João. *In: BÍBLIA. Português. Bíblia de Jerusalém: Antigo e Novo Testamentos. Revisão da tradução École Biblique de Jerusalém. 7. ed. São Paulo: Paulus, 2011. p. 1877.*

- BÍBLIA, N.T. Romanos. *In: BÍBLIA. Português. Bíblia de Jerusalém: Antigo e Novo Testamentos. Revisão da tradução École Biblique de Jerusalém. 7. ed. São Paulo: Paulus, 2011. p. 1980.*
- BOAVENTURA, Santo. *LEGENDA MAIOR E LEGENDA MENOR. Tradução de Romeno Zago, O.F.M. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1979.*
- BOFF, Leonardo. *Ecologia, mundialização, espiritualidade. Rio de Janeiro: Record, 2008.*
- BORRIELO, L.; CARUANA, E.; DEL GENIO, M. R. *et al. DICIONÁRIO DE MÍSTICA. São Paulo: Paulus; Edições Loyola, 2003.*
- CASTRO, Talita de. *Sistema Capitalista: a origem e as fases do capitalismo! Sítio Politize! Publicado em 5 dez. 2018. Disponível em: https://www.politize.com.br/sistema-capitalista-origem/?https://www.politize.com.br/&gclid=CjwKCAjwzWGBhA1EiwAUAXIcd1YI0OsihImB5xIEdoMAc8CBx0GEGauurSj_5RSKo-9mdwENRiRZhoCMYAQA_vD_Bw. Acesso em: 01 jul. 2021.*
- CELANO, Tomás de. *Vida de São Francisco de Assis. Tradução de José Carlos C. Pedroso O.F.M. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1975.*
- CELANO, Tomas de. *In: TEIXEIRA, Celso Márcio O.F.M (Org). Tradução de José Carlos Correa Pedroso O.F.M.; Irineu Gassen O.F.M.; Ary Estêvão Pintarelli O.F.M. et al. Fontes Franciscanas e Clarianas. 3. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2014. p. 197-441.*
- EXORTAÇÃO AO LOUVOR DE DEUS. *In: TEIXEIRA, Celso Márcio O.F.M (Org.). Tradução de José Carlos Correa Pedroso O.F.M.; Irineu Gassen O.F.M.; Ary Estêvão Pintarelli O.F.M. et al. Fontes Franciscanas e Clarianas. 3. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2014. p. 126-127.*
- FERREIRA, Aurélio B. Holanda. *NOVO DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.*
- FRANCISCO, Papa. *Carta Encíclica Laudato Si: sobre o cuidado da casa comum. São Paulo: Paulinas, 2015.*
- I FIORETTI. *In: TEIXEIRA, Celso Márcio O.F.M (Org.). Tradução de José Carlos Correa Pedroso O.F.M.; Irineu Gassen O.F.M.; Ary Estêvão Pintarelli O.F.M. et al. Fontes Franciscanas e Clarianas.3.ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2014. p. 1487-1625.*
- JUNGES, José Roque. *Ecologia e criação. São Paulo: Loyola, 2001.*
- LAUDATO SI. *In: PAPA FRANCISCO. Carta Encíclica Laudato Si: sobre o cuidado da casa comum. São Paulo: Paulinas, 2015.*
- LEGENDA DOS TRÊS COMPANHEIROS. *In: TEIXEIRA, Celso Márcio O.F.M (Org). Tradução de José Carlos Correa Pedroso O.F.M.; Irineu Gassen O.F.M.; Ary Estêvão Pintarelli O.F.M. et al. Fontes Franciscanas e Clarianas.3. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2014. p. 789-838.*
- LE GOFF, Jacque. *São Francisco de Assis. Tradução de Marcos de Castro.5.ed.Rio de Janeiro: Record, 2001.*

LEGENDA MAIOR. *In*: TEIXEIRA, Celso Márcio O.F.M (Org.). Tradução de José Carlos Correa Pedroso O.F.M.; Irineu Gassen O.F.M.; Ary Estêvão Pintarelli O.F.M. *et al. Fontes Franciscanas e Clarianas*. 3. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2014. p. 551-686.

LIMA, Alceu Amoroso. *São Francisco de Assis*. Rio de Janeiro: SALAMANDRA CONSULTORIA EDITORIAL, 1983.

LOUVORES A SEREM DITOS A TODAS HORAS [CANÔNICAS]. *In*: TEIXEIRA, Celso Márcio O.F.M (Org.). Tradução de José Carlos Correa Pedroso O.F.M.; Irineu Gassen O.F.M.; Ary Estêvão Pintarelli O.F.M. *et al. Fontes Franciscanas e Clarianas*. 3. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

MOREIRA, Alberto da Silva. APRESENTAÇÃO. *In*: BOFF, Leonardo; MOREIRA, Alberto da Silva; BERNARDI, Orlando. *FRANCISCANISMO E PÓS-MODERNIDADE*. São Paulo: EDUSF, 1997. p. 5

MOREIRA, Alberto da Silva. SÃO FRANCISCO E OS PÓS-MODERNOS. *In*: BOFF, Leonardo; MOREIRA, Alberto da Silva; BERNARDI, Orlando. *FRANCISCANISMO E PÓS-MODERNIDADE*. São Paulo: EDUSF, 1997, p. 21-44.

NIGG, Walter. *O Homem de Assis: Francisco e seu Mundo*. Tradução da Equipe do Secretariado Nacional do CEFEPAL. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1975.

NÚÑEZ, Martín Carbajo. *Ecologia Franciscana: Raízes da Encíclica Laudato Si do Papa Francisco*. Tradução de José Maria Fonseca Guimarães. Portugal, Braga: Editorial Franciscana, 2016.

OFÍCIO DA PAIXÃO DO SENHOR. *In*: TEIXEIRA, Celso Márcio O.F.M (Org.). Tradução de José Carlos Correa Pedroso O.F.M.; Irineu Gassen O.F.M.; Ary Estêvão Pintarelli O.F.M. *et al. Fontes Franciscanas e Clarianas*. 3. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2014. p. 140-156.

REGRA NÃO BULADA. *In*: TEIXEIRA, Celso Márcio O.F.M (Org.). Tradução de José Carlos Correa Pedroso O.F.M.; Irineu Gassen O.F.M.; Ary Estêvão Pintarelli O.F.M. *et al. Fontes Franciscanas e Clarianas*. 3. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2014, 165-186.

SAUDAÇÃO A BEM-AVENTURADA VIRGEM MARIA. *In*: TEIXEIRA, Celso Márcio O.F.M (Org.). Tradução de José Carlos Correa Pedroso O.F.M.; Irineu Gassen O.F.M.; Ary Estêvão Pintarelli O.F.M. *et al. Fontes Franciscanas e Clarianas*. 3. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2014. p. 187.

SAUDAÇÃO ÀS VIRTUDES. *In*: TEIXEIRA, Celso Márcio O.F.M (Org.). Tradução de José Carlos Correa Pedroso O.F.M.; Irineu Gassen O.F.M.; Ary Estêvão Pintarelli O.F.M. *et al. Fontes Franciscanas e Clarianas*. 3. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2014. p. 187-188.

TEIXEIRA, Celso Márcio O.F.M (Org.). Tradução de José Carlos Correa Pedroso O.F.M.; Irineu Gassen O.F.M.; Ary Estêvão Pintarelli O.F.M. *et al. Fontes Franciscanas e Clarianas*. 3. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2014, p. 197-441.

TESTAMENTO. *In*: TEIXEIRA, Celso Márcio O.F.M (Org.). Tradução de José Carlos Correa Pedroso O.F.M.; Irineu Gassen O.F.M.; Ary Estêvão Pintarelli

O.F.M. *et al.* *Fontes Franciscanas e Clarianas*. 3. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2014. p. 188-191.

VELASCO, Juan Martin. *El Fenómeno místico, clave para la comprensión del hecho religioso y Del ser humano*. In: SOTOMAYOR, Beatriz Cruz (Coord); LÓPEZ-BARALT, Luce (Ed) *Repensando la experiencia mística desde las ínsulas extrañas*. Madrid: Trotta, 2013.

Recebido em 27-11-2020.

Aprovado em 25-07-2021.